



Tempo e Eternidade em Santo Agostinho

Giovani Fernando Cardoso¹

Resumo:

Por meio da concepção de tempo apresentada por Santo Agostinho no livro XI das *Confissões*, realizaremos uma análise fundamentada na constituição da eternidade e da temporalidade na perspectiva do pensamento agostiniano. Veremos que a questão da temporalidade está vinculada lingüisticamente ao homem, sendo esta, contudo, impossível na eternidade. Para Agostinho, Deus é o fundamento de tudo, todas as criaturas saíram num só momento (*rationes seminales*). Sendo o tempo criatura, iremos demonstrar que a temporalidade é própria do homem e não possui em si atributos da eternidade, pois só Deus é eterno. Porém, o tempo é criação divina dada pelo *Logos*, e neste não há sucessão, sendo o tempo, por sua vez, caracterizado pelo devir. As ideias das coisas só existem na Inteligência Divina desde a eternidade, contudo, o que Deus quer produzir só aparece através de um ato livre e eterno Dele mesmo. O tempo não pode medir a eternidade, uma vez que esta se encontra acima da temporalidade. Ao analisar o tempo, Agostinho recorre ao seu aspecto psicológico. A teoria do tempo é explicada por uma tríade: memória, intenção e espera (pretérito, presente e futuro), existente na mente humana. Quando o homem mede o tempo, assim o faz por meio da impressão ou percepção que tem dele. O caráter psicológico é pertencente à consciência. Não obstante, o homem não é coeterno com Deus, pois, para este não há passado nem futuro, mas somente o presente que se manifesta no indivisível e no uno.

Palavras-chave: Santo Agostinho. Tempo. Eternidade. Homem. Deus.

Abstract:

Through conception of time presented by Saint Augustine in *Confessions*, Book XI, we will perform an analysis based on eternity's and time's framework, according to Augustine's thought. We will see that time's question is linked in a linguistic way to the man, herewith time is impossible in eternity. For Augustine, God is the ground of everything, all creatures arose in a unique moment (*rationes seminales*). Since time is creature, we will show that man owns time and time doesn't own eternity's attributes, because only God is eternal. Nevertheless, time is divine creation given by *Logos*, and in *Logos* there isn't succession, herewith time is characterized by coming to happen. The ideas of things exist in Divine Intelligence since eternity, however, what God wants to produce arises through a free and eternal act of Himself. Time can't measure eternity, since eternity is over time. When analyses time, Augustine appeal to its psychological aspect. Time's theory is explained by a triad: memory, intention and expectation (past, present and future), existing in the human mind. When man measures time, he measures the impression or perception of time that he formed. Psychological aspect of time belongs to consciousness. Nevertheless, man isn't eternal with God, whereas for God there is neither past nor future, but only present that manifests in the indivisible and absolute.

¹Graduando em Filosofia pela Faculdade João Paulo II - FAJOPA. Orientador: Prof. Ms. Orion Ferreira Lima. E-mail: gvcardoso_23@ig.com.br.



Keywords: Saint Augustine. Time. Eternity. Human being. God.

* * *

“Nenhuns tempos Vos são coeternos porque Vós permaneceis imutável, e se os tempos assim permanecessem, já não seriam tempos. Que é, pois, o tempo? [...]Vós sois, antes de todos os tempos, o eterno Criador de todos os tempos. Estes não podem ser coeternos convosco, nem nenhuma outras criaturas, ainda que haja algumas que preexistem aos tempos”.
(Santo Agostinho, *Confissões*, Livro XI, §14 e 30)

1. ETERNIDADE: DEUS CRIADOR E O VERBO

A concepção de tempo apresentada por Santo Agostinho² no livro XI das *Confissões* é uma das maiores discussões de seu pensamento filosófico-teológico. O presente artigo tem como objetivo realizar uma análise fundamentada na constituição da eternidade e da temporalidade. Uma proposta de reconciliação entre o divino e o humano, por meio da análise do tempo iniciada com a pergunta “o que fazia Deus antes

² Antes do aprofundamento nas abordagens de tempo e eternidade, faz-se necessário conhecer sinteticamente a biografia de Santo Agostinho, uma vez que o transcorrer de sua vida está intrinsecamente ligado às suas obras, principalmente as *Confissões*, que apresenta como aconteceu seu processo de conversão ao cristianismo. Aurélio Agostinho nasceu em 354 em Tagaste, norte da África romana. Patrício, seu pai, era pagão, já Mônica sua mãe era cristã, a qual exerceu profunda influência sobre ele. Sua infância e adolescência foram passadas em Tagaste e Cartago. Agostinho tinha temperamento ardente, era rebelde a todos os freios, levou uma vida desordenada e dispersa antes de sua conversão. Porém, sempre se dedicou aos estudos clássicos, particularmente os latinos. Aproximadamente aos 19 anos, seu contato com a obra *Hortênsio* de Cícero o levou a apaixonar-se pela filosofia e a debruçar-se sobre os problemas do pensamento. Em 374 aderiu ao maniqueísmo. Também dedicou muitos anos ao ensino da Retórica. Com 29 anos, em 383, foi para Roma a fim de continuar os ensinamentos retóricos. Neste mesmo período o exemplo e a palavra do bispo Ambrósio persuadiram Agostinho sobre o cristianismo, assim sendo, tornou-se um catecúmeno. As leituras de Plotino, traduzidas por Mário Vitorino, retórico que se converteu ao cristianismo, também tiveram grande importância na sua orientação definitiva. Quanto ao Neoplatonismo, Agostinho não encontrou os ensinamentos da encarnação do Verbo e o caminho da humildade cristã, porém encontrou claramente a afirmação e demonstração da incorporeidade e incorruptibilidade de Deus, isto fez com que ele se libertasse do materialismo, ou seja, da crença de que o universo estava cheio de Deus. Aos 25 de abril de 387 foi batizado por Santo Ambrósio. Dada a alegria de conversão à sua mãe, em Ostia ficaram dias discorrendo sobre questões religiosas, mas Mônica morreu ali. Por conseguinte, a vida de Santo Agostinho foi de contínua busca pela verdade e uma luta contínua contra o erro. Em 391 foi ordenado sacerdote; e, em 395 foi sagrado bispo de Hipona. Deste modo, combateu as doutrinas contra a Igreja: o maniqueísmo, o donatismo e o pelagianismo. E aos 28 de agosto de 430, Agostinho morreu, quando os Vândalos sitiaram a cidade de Hipona. (REALE; ANTISERI, 2007).



de criar a o céu e a terra?”. E responder a questão proposta pela epígrafe acima “*que é, pois, o tempo?*”, embasada nas reflexões do pensamento agostiniano.

Antes de melhor conceituar a temporalidade, Santo Agostinho inicia em *O Homem e o Tempo*³ discorrendo suas reflexões quanto ao Deus criador e ao Verbo de Deus, sem os quais não seria possível a criação do tempo, porém a existência de Deus independe do tempo, pois a eternidade é maior que este.

O contraste da eternidade divina e da temporalidade expressa que o tempo não é um subconjunto da eternidade. Nos Arcanos das Palavras Divinas, é questionado como traduzi-los para nossa linguagem, “quando poderei eu, com a língua da minha pena, enumerar todas as Vossas solicitações, terrores, consolações e incitamentos com que me introduzistes a pregar a Vossa palavra e a distribuir a Vossa doutrina ao vosso povo?” (AGOSTINHO, 1981, p. 292). Então, vê-se a relação de que estando o homem preso à temporalidade, o tempo é articulado lingüisticamente, no entanto na eternidade não se faz necessária esta articulação. Por isso, a indagação de Santo Agostinho é pertinente para deixar entrever o afrontamento entre tempo e eternidade.

Deus enquanto ser é o fundamento de todas as coisas que é, por conseguinte, o criador de tudo. O princípio de tudo é a criação. E tudo foi criado por um ser eterno, que é o próprio Deus. Veja que para Santo Agostinho todas as criaturas saíram do nada num só momento, algumas já aparecem na sua forma perfeita, outras surgiram de formas incompletas, porém são dotadas de virtudes intrínsecas evolutivas (*rationes seminales*). “Ainda mesmo o que não foi criado e todavia existe, nada tem em si que antes não existisse. Portanto sofreu mudança e passou por vicissitudes” (AGOSTINHO, 1981, p. 295).

E de onde tudo foi criado? O mundo, segundo Santo Agostinho, pode ter duas origens, a saber, ou Deus criou do nada, ou tudo surgiu de sua própria substância. Se aderir à segunda afirmação, inevitavelmente devemos admitir que uma parte da substância divina é finita, mutável, submissa às alterações diversas, bem como passível de destruições, que as partes do universo também sofrem. Então, não pode ser aceita, pois sendo Deus eterno e perfeito, mudar seria transformar-se em melhor ou pior, o que contradiz a natureza divina imutável. Quanto a Deus criar do nada, refere-se à criação

³ AGOSTINHO, Santo. *O Homem e o Tempo*. In: *Confissões*. 10.ed. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1981.



sem qualquer à matéria preexistente⁴, onde por um ato de vontade Deus quis que as coisas fossem e elas foram.

Deus quis criar todas as coisas, mas não se deve buscar esta causa na vontade de Deus, pois Ele é causa única das coisas, e sendo a causa de tudo, não tem causa. Deste modo, toda criação surgiu da Palavra Criadora, o Verbo⁵. Esta, porém, narrada no livro do Gênesis⁶ não é uma simples palavra sensível, é o *Logos*, o Filho de Deus, que é coeterno com Ele.

Nunca se acaba o que estava sendo pronunciado nem se diz outra coisa para dar lugar a que tudo se possa dizer, mas tudo se diz *simultânea* e *eternamente*. Se assim não fosse já haveria tempo e mudança, e não verdadeira eternidade e verdadeira imortalidade. [...] Por isso, ao Verbo que é coeterno convosco, dizeis, ao mesmo tempo e eternamente tudo o que dizeis (AGOSTINHO, 1981, p. 298).

Toda matéria a ser criada estava na Palavra criadora coeterna com Deus. Tudo foi criado por Ela: “portanto é necessário concluir que falastes e os seres foram criados. Criaste-os pela vossa palavra!” (AGOSTINHO, 1981, p. 297).

O momento da criação é o começo de todas as criaturas, visto que o tempo é, por definição, mudança, ou seja, ele também é criatura. Mesmo tudo sendo criado pelo eterno (Deus Criador, através do Verbo), nem as coisas que duram nem o tempo são eternos. Isto é posto por Santo Agostinho a fim de expor que não existe um tempo antes da criação e antes do momento em que Deus o teria criado.

Feita a relação entre eterno e divino, iremos evidenciar a relação entre o temporal e humano, objeto de análise da segunda parte deste trabalho. Santo Agostinho para justificar a eternidade de Deus recorreu à explicação do princípio, como no relato do livro do Gênesis. Ele admite toda a eternidade a Deus: “sendo vossa a eternidade, ignorais porventura, Senhor, o que eu Vos digo, ou não vedes no tempo o que se passa no tempo” (AGOSTINHO, 1981, p. 291). Enfim, é possível estabelecer que a temporalidade é própria do homem e não possui atributos da eternidade, pois só Deus é

⁴ “Deus é como um artesão que, considerando uma forma em seu pensamento, a impõe à matéria que ele tem à sua disposição (argila, pedra, madeira etc.). Ao contrário, as diversas matérias que o artesão humano encontra à sua disposição, Deus foi quem as fez. O que o ato criador significa é, portanto, a produção do ser daquilo que é, e essa produção é possível unicamente para Deus, porque somente ele é o Ser” (GILSON, 2006, p. 358).

⁵ Cf. Jo 1, 1-18. Santo Agostinho recorre no prólogo joanino neotestamentário a alusão do Verbo com o Princípio identificado no livro do Gênesis.

⁶ Cf. Gn 1. Primeiro relato da criação.



eterno. Porém, o tempo é criação divina dada pelo Verbo, e Neste não há sucessão e o tempo é caracterizado pela sucessão.

2. O TEMPO

Tendo analisado as considerações sobre a eternidade de Deus, passemos à indagação que levou Agostinho à análise do tempo, a qual é pertinente ao estudo da segunda parte de *O Homem e o Tempo*.

Esta foi a questão já citada no prólogo: *que faria Deus antes da criação?* Tal pergunta, de imediato, já contém alguns pressupostos equivocados, tendo em vista o princípio de eternidade. Como o conceito *antes* implica temporalidade, ou seja, é um termo temporal, a pergunta não deve ser colocada, uma vez que na eternidade não ocorre sucessão (tempo – criação – tempo). Por si a vontade de Deus é eterna, e foi ela que determinou o momento da criação. Por conseguinte, não se pode falar de um “*antes*”, antes da criação do tempo.

O tempo, como visto, é criação de Deus, sendo assim improcedente acerca da ação de Deus antes do tempo, pois esta categoria temporal só equivale à criatura. Logo é demonstrado um erro formal. Com a finalidade de defesa da eternidade, Agostinho questiona: se fosse o caso de que surge em Deus uma nova vontade como Ele pode ser eterno? Deste modo:

[...] a vontade de Deus não é uma criatura; está antes de toda a criatura, pois nada seria criado se antes não existisse a vontade do Criador. Essa vontade pertence à própria substância de Deus. Se alguma coisa surgisse na substância de Deus que antes lá não estivesse, não podíamos, com verdade, chamar a essa substância eterna. Mas, se desde toda a eternidade é vontade de Deus que existam criaturas, por que razão não são criaturas eternas? (AGOSTINHO, 1981, p. 300-301).

Assim, as idéias das coisas existem na Inteligência Divina desde toda a eternidade, porém o que Deus quer produzir só aparece na ação de sua volição, através de um ato livre e eterno do próprio Deus.



O tempo, segundo Agostinho, não pode medir a eternidade⁷. Tempo e eternidade são dimensões incomensuráveis. A eternidade está acima de todo tempo, nela,

[...] ao contrário, nada passa, tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo presente. Esse tal, verá que o passado é impelido pelo futuro e que todo o futuro está precedido dum passado, e todo o passado e futuro são criados e dimanam d'Aquele que sempre é presente. (AGOSTINHO, 1981, p. 301)

Remetendo a questão sobre o que fazia Deus antes da criação do mundo, Agostinho ironicamente afirma que não responderá como alguém outrora contestou: preparava o inferno para quem quer saber demais⁸. Para o Santo Doutor isto seria iludir com graça um problema sério. Ele não daria tal resposta, pois caberia dizer “não sei” quando de fato não se sabe, do que ficar apresentando soluções escarnecedoras, e, é mais louvável àquele que respondeu sofisticadamente. Porém Agostinho contrapõe dizendo:

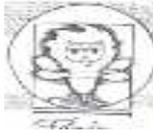
[...] meu Deus, que sois o Criador de tudo o que foi criado. Se pelo nome de “céu e terra” se compreendem todas as criaturas, não temo afirmar que antes de criardes o céu e a terra não fazíeis coisa alguma. Pois se tivésseis feito alguma coisa, que poderia ser senão criatura Vossa? Oxalá eu soubesse tudo o que me importa conhecer, como sei que Deus não fazia nenhuma criatura antes que se fizesse alguma criatura! (AGOSTINHO, 1981, p. 302).

Por fim a esta pergunta tem-se uma resposta estritamente ligada com a eternidade, pois se Deus fizesse algo, isso já seria criação. Antes da criação do céu e da terra não existia o tempo, logo não se deve questionar o que Deus fazia. O eterno é um perpétuo hoje, assim sendo, o hoje de Deus é a própria eternidade, “porque este vosso ‘hoje’ não se afasta do ‘amanhã’, nem sucede ao ontem” (AGOSTINHO, 1981, p. 303). Por isso, não se concebe um tempo, onde não havia tempo.

Mas afinal, *o que é o tempo?* Nesta questão detém-se especificamente a estrutura da temporalidade. Este é o contraponto essencial que a partir da indagação aborda a temática do tempo. Para Agostinho, não houve tempo nenhum em que Deus não fazia alguma coisa, pois Ele fazia o próprio tempo.

⁷ A eternidade não pode ser medida com unidades temporais (antes, depois, instante), pois estas são ações sucessivas e transitórias.

⁸ “Preparava – disse – a geena para aqueles que perscrutam estes profundos mistérios” (AGOSTINHO, 1981, p. 302).



Para esta análise do tempo recorre-se ao aspecto psicológico, a uma definição pelo lado humano. Defronta-se, primeiramente, na aporia do ser e do não-ser do tempo. Se o tempo pode ser como ele se caracteriza como não-ser? Agostinho para explicar elabora sua teoria do tempo em uma tríade: tríplice presente, distensão e intenção ou atenção.

A fim de uma melhor fundamentação do tríplice presente, iniciam-se as reflexões abordando que “[...] se nada sobrevivesse, não haveria tempo futuro, e se agora nada houvesse, não existia o tempo presente” (AGOSTINHO, 1981, p. 304). Então, como existem estes dois tempos: passado e futuro, uma vez que passado não existe e o futuro não chegou?

Quanto a isto, se o presente fosse sempre presente e não transcorresse para o passado, ele não seria mais tempo, mas eternidade. O ser do presente é um contínuo deixar de ser, ou seja, tende a continuidade ao não-ser.

Segundo o argumento cético, o tempo é desprovido de ser. Ora, se isso ocorresse, segundo Agostinho, teríamos uma desvalorização do tempo, isto é, o tempo seria o não-ser. Se aderisse aos cétricos toda nossa linguagem seria equivocada. Contudo, no pensamento agostiniano o tempo é estudado, como já dito, sob o aspecto psicológico (como o homem aprende), e não sob o prisma ontológico (como é em si mesmo), pois senão teria que considerá-lo indivisível.

Deste modo, o tempo existe no espírito do homem, porque é neste mesmo espírito que se conservam presentes o passado, o presente e o futuro. Nestas três divisões do tempo, Agostinho percebe que podemos denominar tempo longo ou breve, somente para o futuro e o passado.

Chamamos “longo” ao tempo passado, se é anterior ao presente, por exemplo, cem anos. Do mesmo modo dizemos que o tempo futuro é “longo”, se é posterior ao presente, também cem anos. Chamamos “breve” ao passado, se dizemos, por exemplo “há dez dias”; e ao futuro, se dizemos “daqui a dez dias”. Mas como pode ser breve ou longo o que não existe? Com efeito, o passado *já não existe* e o futuro *ainda não existe*. Não digamos: “é longo”, mas digamos do passado: “foi longo”; e do futuro: “será longo” (AGOSTINHO, 1981, p. 304).



Esta medição do tempo é realizada pela alma⁹, como o Santo Doutor afirma “[...] foi-te concedida a prerrogativa de perceberes e medires a sua duração” (AGOSTINHO, 1981, p. 305). Certamente não se pode medir o passado que já não é mais, ou o futuro que ainda não é, porém o homem tem a capacidade de conservar a memória do passado e a espera do futuro. Mesmo no futuro que não é ainda, existe na alma a espera das coisas futuras; e no passado as coisas já não existem, mas existe na alma a memória das coisas passadas.

Quanto ao tempo presente para Agostinho é o único que se julga chamar longo, pois tudo o que se debandou é passado; e o que ainda resta é futuro. O que é concebido em “[...] um espaço de tempo que não seja suscetível de ser subdividido em tais partes, por mais pequeninas que sejam, só a este podemos chamar de tempo presente” (AGOSTINHO, 1981, p. 306). Porém este voa tão rapidamente do futuro ao passado que fica privado de duração, em um instante ele se transforma, no entanto dura na alma sua atenção às coisas presentes.

Se puder medir o tempo, é válido ressaltar que passado e futuro não podem ser medidos no passado nem no futuro, pois não possuem ser. Ambos só são medidos no presente. E o tempo presente não tem extensão, logo não se pode medi-lo enquanto existe, porque não se localiza no espaço. Enfim, o tempo não é uma sucessão de espaços separados, mas sim contínuo e indivisível, ele é uma continuidade, não admite sua divisão em antes e depois.

O tempo se encontra ligado à memória, à intenção e à espera. Ele encontra na alma sua realidade, no distender-se (distensão) da vida interior do homem. Por sua vez, pertence à alma, sendo esta própria distensão da alma precisamente uma continuidade entre memória, intenção e espera.

Considerando a abordagem de que não há três tempos, transparece que não há tempos futuros nem passados. Segundo Agostinho, é impróprio afirmar que os tempos são três: passado, presente e futuro. Entretanto, convém dizer que os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das coisas presente e presente das coisas futuras.

⁹ Há diversas terminologias para o termo “alma” na filosofia agostiniana. No que concerne a este artigo, temos o conceito “alma” proveniente do latim: *anima- animus*, que designa princípio animador dos corpos como condição vital para os mesmos. Ao mesmo tempo, o *animus* empregado por Agostinho diz respeito a uma substância racional que corresponde como princípio vital (GILSON, 2006). A alma é o intelecto ligado à vida, como um princípio motor que move o homem. Mesmo não possuindo extensão, ela é capaz de pensar sua própria existência. Assim, a substância *animus* só possibilita medir o tempo, porque implica seu aspecto racional (só a alma mede o tempo).



Estes três tempos existem na mente do homem e não se vê em outra parte a lembrança das coisas passadas, a visão presente das coisas presentes e a espera das coisas futuras. Agostinho chama atenção de como empregar corretamente tais terminologias:

[...] diga-se também que há três tempos: pretérito, presente e futuro, como ordinária e abusivamente se usa. Não me importo nem me oponho nem critico tal uso, contanto que se entenda o que diz e não se julgue que aquilo que é futuro já possui existência, ou que o passado subsiste ainda. Poucas são as coisas que exprimimos com terminologia exata. Falamos muitas vezes sem exatidão, mas entende-se o que pretendemos dizer! (AGOSTINHO, 1981, p. 309-310).

Após tais reflexões complexas acerca do tempo, o próprio Agostinho recorre a Deus para que desfaça este enigma e se depara com a necessidade de uma nova análise. Ele quer realizar as distinções entre tempo astronômico, tempo metafísico e tempo psicológico. Isto o levou a concluir que o tempo é uma distensão, como visto acima. No conceito de tempo há dois elementos: um transitório (sucessão) e um permanente (duração). O tempo psicológico não passa de uma percepção da sucessão contínua no campo da consciência com aspecto de localização e de anterioridade¹⁰.

A discussão sobre como medir o tempo se prolonga na subdivisão de sua nova teoria. Santo Agostinho cita como exemplo um hino de Santo Ambrósio *Deus Creator omnium*, onde a sílaba longa vale o dobro da breve, ele só mede essas sílabas devido ao que ficou gravado em sua memória. Assim sendo, quando se mede o tempo, mede-se a impressão ou percepção dele. Este é o caráter psicológico ao qual do tempo pertence à consciência.

Por fim, para Agostinho o ato de procurar a realidade objetiva do tempo aclarou sua subjetividade, é o voltar da consciência sobre si mesma como um método que resolve um problema fundamental. O problema psicológico do tempo condiciona sua solução no problema metafísico.

Depois de uma instigante e complexa análise do tempo, o bispo de Hipona encerra seu texto mostrando que o homem possui enfermidades que não o permitem saber além de suas capacidades (contraposto entre tempo e eternidade). Por conseguinte,

¹⁰ Cf. N. T. (AGOSTINHO, 1981, p. 315). A definição de tempo (psicológico) deve ser somente pelo lado humano, sem levar em conta a eternidade. Agostinho justifica a existência do tempo na tentativa de solucionar a aporia do ser e do não-ser do tempo. Quanto ao aspecto ser do tempo, significa seu aspecto da linguagem. Já o não-ser do tempo, ele passa, muda e acaba. Não obstante, o tempo psicológico abarca localização e antecedência somente no âmbito de sua consciência, isto é, só existe tempo se existir o sujeito.



para se conceber a eternidade não basta imaginar o universo como um canto conhecido, onde a consciência humana sabe o local em que se encontra seu o ponto de desenvolvimento. Deus está além do pensamento humano, o homem não é coeterno com Ele. Para Ele não há passado nem futuro, Nele existe o indivisível e uno.

Por conseguinte, o tempo é o que permeia toda vida do homem. Vários modos simbólicos na cultura humana expressaram e expressam isto, através dos ciclos solares (dia e noite), as ampulhetas, as épocas do ano e até o mais utilizado atualmente para cronometrá-lo: o relógio. Porém, a discussão agostiniana pertinente ao tempo é muito mais abstrata, ela não se limita a este modelo comum e rotineiro, ou seja, o tempo como extensão.

O tempo constitui uma questão que para quem o estuda, Santo Agostinho deixa bem explícito que o outro lado do tempo para o homem é a eternidade divina, uma vez que o homem é criatura, do mesmo modo que o tempo também é criatura.

Muitos ao se dedicarem a maiores reflexões desta obra agostiniana, podem se equivocar ao postularem que Agostinho exclui e menospreza totalmente o tempo em detrimento da eternidade. Ao contrário disto, suas contraposições argumentativas dão um parecer de reconciliação entre divino e humano. Também é válido lembrar que, ressaltar o divino é próprio do pensamento do período bem como sua relação religiosa (processo de conversão ao cristianismo). Por isso, em todo seu discurso ocorrem as invocações a Deus, bem como o reconhecimento de sua “ignorância” ao querer refletir sobre o tempo.

Ao transcender a questão, Agostinho direciona-se à Deus, o eterno. Contudo, o aspecto de reflexão acerca da aporia do tempo perpassou além do período patrístico. Tal aporia também foi discutida nas várias transformações da história do pensamento filosófico moderno e contemporâneo, não se detendo para isto sobre o aspecto divino. Enfim, o que o pensamento agostiniano postulou, abriu caminhos profundos para uma análise do tempo, especificamente da objetividade para a subjetividade.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. *História da Filosofia*. Vol. 2. 5.ed. Lisboa: Editorial Presença, 1999.
- A BÍBLIA DE JERUSALÉM. *A.T Gênesis 1 e N.T. João 1, 1-18*. São Paulo: Paulinas, [1985], p. 31 e p. 1985.



5^o Encontro de Pesquisa na Graduação em Filosofia da Unesp

- AGOSTINHO, S. *O Homem e o Tempo*. In: *Confissões*. 10. ed. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1981.
- GILSON, E. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2006.
- REALE, G.; ANTISERI, D. *História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média*. Vol. 1. 10. Ed. São Paulo: Paulus, 2007.